

## ***Whitin the sound of silence : entre flusser, silêncios e literatura***

**Juracy Pinheiro de Oliveira Neta<sup>1</sup>**

*El mundo era tan reciente que muchas cosas carecían de nombre, y para mencionarlas  
había que señalarlas con el dedo*

Gabriel García Márquez – *Cien años de soledad*

### **I**

No começo era o Caos...

O Silêncio primordial reinava entre os dados brutos jogados a esmo na desordem do Nada até que, em Potência, Ele fez o Intelecto gerar-se; e este, por ventura, criou o *Logos* e assim, fez-se a realidade que concebemos, pois já se podia *dizer* que ela existia... Então, houve a luz!

Portanto, tal Silêncio, em sua essência um Nada potencialmente criador, faria surgir o Verbo-pensamento—repleto de significações construídas por um sujeito que pouco a pouco tomava consciência, no sentido filosófico do termo, de si e do mundo circundante. Assim, o Silêncio precede a Palavra, como uma realidade *a priori* que fundamenta o resto da existência. E apesar da *inutilidade* do primeiro, onde reside mesmo a sua potência ontológica, ambos mantêm menos uma relação hierárquica do que de comunhão.

Grosso modo, é dessa forma que Vilém Flusser (1920-1991), um pensador tcheco nacionalizado brasileiro, propõe a cosmologia da língua como formadora da realidade por nós percebida — talvez tendo sido influenciado pelas discussões de

---

<sup>1</sup>Graduada em Letras Português/Inglês pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Mestranda em Comunicação Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Email: juracy\_oliveira@hotmail.com.

filósofos da linguagem tais como Ludwig Wittgenstein e Edmund Husserl — e cujos limites encontram-se nos diferentes tipos de silêncio que compõem nossa existência.

No entanto, a humanidade perdeu os laços que a ligavam ao significado primordial, nos perdemos dentro da nossa própria conversação, e assim, kantianamente, o *em-si* do real e de nós mesmos. Tal sina é exemplificada pelo mito de Babel — os homens, almejando construir uma torre que alcançasse os céus, símbolo da sua unidade (étnica e linguística), acabam por serem punidos por Jeová pela sua ambição coma dispersão pelo mundo e a multiplicação das línguas —, uma metáfora que explica a perda da transparência essencial da linguagem e que estabelece o reino da incompreensão entre os homens. E, assim, a função estética inicial do Verbo decai quando este reduz-se à (in)comunicação, como evidencia Jorge Luis Borges (*apud* FELINTO, 2008, p. 153) “a língua nasce poética para depois converter-se em instrumento referencial”.

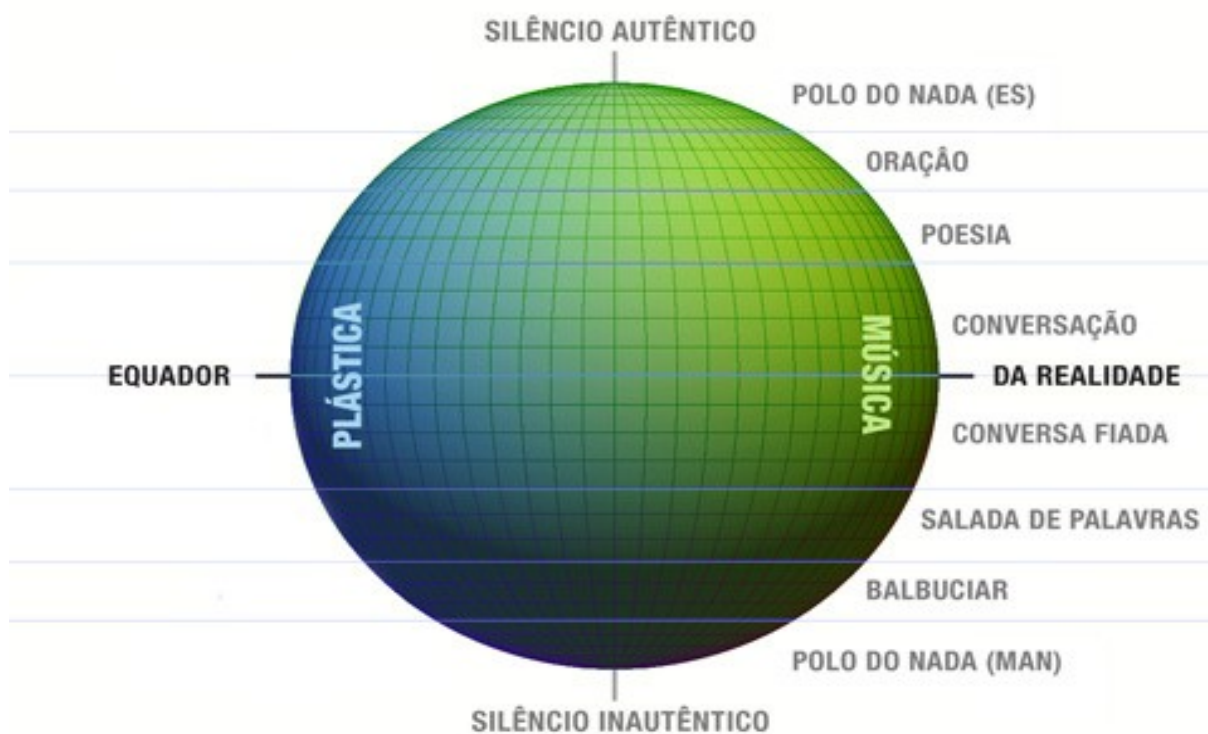
Dessa forma, resumimo-nos à contemplação do *para-nós*, o que não é suficiente para quem já teve acesso ao animalesco Caos primordial, o Nada de onde ascendemos e que a tudo continua a envolver. Como eternamente insatisfeitos que somos e sem acesso às nossas raízes, logo porque o retorno implicaria no esfacelamento do Intelecto, almejamos o outro polo do Nada, o supra-intelectual; mas ainda perdidos nos nossos discursos, também não conseguimos alcançar o indizível supremo. Nesse sentido, Flusser (2002, p. 44) resume que “o pensamento é portanto um processo linguístico que se expande, a partir do silêncio paradisíaco, em direção de sua própria superação, de um novo silêncio portanto. O pensamento é a expulsão do paraíso em busca de outro”.

No fim, não há nenhum consolo, pois “ser homem é ser absurdo. É inalcançável para nós a ingenuidade paradisíaca, o estado anterior à dúvida, a integração portanto. Somos, como homens, seres alienados, seres expulsos. Aceitemos a absurdidade do desterro” (FLUSSER, 2002, p. 46). O que nos resta,

então? Debatermo-nos em cima das eternas questões humanas sobre quem somos, de onde viemos e para onde vamos; claro que sem nunca encontrarmos uma resposta definitiva. Pensando bem, até melhor que não encontremos, logo porque é a busca dessas respostas que nos move.

Tendo em vista a exploração de tais tensões, apresento a fisiologia hierárquica da língua *sensu lato*, e porque não da realidade, proposta por Flusser (2010), na qual há a passagem gradativa do Nada primordial para o Intelecto do real e até mesmo, além dele:

O polo sul desse gráfico representa a transição a partir da língua para a irrealidade; o equador representa aquilo que normalmente chamamos de *conversa*ção, é o centro da língua e o estágio intermediário entre as duas irrealidades. O clima do hemisfério sul é o clima do *a gente (man)*; no sentido existencial, é o clima da inautenticidade que progride em direção do polo. O clima do hemisfério norte é o clima do *aquilo (es)*; no sentido existencial, é o clima da autenticidade que progride em direção do polo. O eixo que une os dois polos é a linha ao logo da qual a língua se projeta a partir do calar-se autêntico, ou vice-versa, ao longo da qual a língua decai em direção do calar-se inautêntico. As diferentes zonas climáticas são tentativas de representar diversas camadas da língua. O centro do gráfico representa a língua *sensu stricto*, isto é, o conjunto de símbolos, chamados, no território das línguas flexionais, *palavras*. O Extremo Oriente representa o mundo dos símbolos fundamentalmente auditivos, *a música*, portanto. O Extremo Ocidente representa o mundo dos símbolos fundamentalmente pictóricos, *as artes plásticas*, portanto (p. 131).



[Figura 1- o diagrama de Flusser redesenhado pelo poeta André Vallias]<sup>2</sup>

Os pensamentos do autor são inegavelmente intrigantes, chama-me a atenção, sobretudo, os dois polos do Silêncio entre os quais oscilamos e que, de certa forma, configuram-se como o Princípio e o Fim.

Mas quantos silêncios existem, afinal?

## II

Do Nada, o Caos irreal, ascendemos à realidade a partir do momento em que a depuramos através do Intelecto e continuando, desta forma, nossa caminhada rumo ao Indizível autêntico. No entanto, as tentativas de alcançá-lo são sempre frustradas, no máximo temos acesso a algumas das camadas superiores; além disso,

<sup>2</sup>CRUZ, Edson. *André Vallias à queima-roupa*. Sambaquis, 10 mar. 2009. Disponível em: <<http://sambaquis.blogspot.com/2009/03/andre-vallias-queima-roupa.html>>. Acesso em: 15 jun. 2014.

corremos o risco de regredir ao Silêncio inautêntico, perdendo, portanto, a conexão com o Intelecto. Mesmo assim, continuamos tendendo para o Nada...

Estamos emergindo sempre do silêncio primordial e ingênuo que é o paraíso. Com efeito, essas nossas aberturas para o silêncio ingênuo, essa nossa capacidade para o espanto ante o nada, essa nossa capacidade de gritar o nosso espanto, é sinal da nossa autenticidade. É sinal que ainda estamos na proximidade misteriosa do nada(FLUSSER, 2002, p. 44).

Tal atração, inerentemente humana, pelo nada não poderia deixar de ser representada na arte, pois tal como foi proposto pelos *formalistas russos*, é por meio dela que ultrapassamos o automatismo do discurso ordinário da realidade circundante. Assim, talvez seja pela Arte, a nossa forma de atingir o sublime do Indizível, o Silêncio autêntico. Uma forma de reestabelecer os laços quebrados. E ela, como fenômeno da própria comunicação humana, “tece o véu do mundo codificado” (FLUSSER, 2007, p. 91), que, na sua artificialidade, não detém um significado *a priori*, realizando-se apenas na linguagem. Ou seja, este mundo é porque nós o comunicamos.

Pessoalmente, considero que de todas as formas de *mimesis* que se dispuseram a descrever esse Silêncio, a que obteve maior êxito no quesito beleza foi certamente a Literatura; pois como Erick Felinto (2008, p. 37) bem observa, pelo poder demiúrgico do autor, através da magia da linguagem, há o “retorno à pureza original do verbo”, quase uma negação da decadência babélica.

Desta forma, a Literatura consegue realizar o difícil trabalho de (re)unir ser e mundo. E talvez ela tenha sido mesmo a forma de arte que mais se preocupou com a problemática do silêncio, sendo temática recorrente em uma Clarice Lispector, por exemplo, cujas produções poéticas constantemente voltam-se para a busca desse belo e inefável silêncio, contemplando-o:

como ultrapassar essa paz que nos espreita. Silêncio tão grande que o desespero tem pudor. Montanhas tão altas que o

desespero tem pudor. Os ouvidos se afiam, a cabeça se inclina, o corpo todo escuta: nenhum rumor. Nenhum galo. Como estar ao alcance dessa profunda meditação do silêncio(LISPECTOR, 1974, p. 74).

Ao criarmos uma realidade e fincarmos nossos pés nela, iludindo-nos de que o solo era firme, nos perdemos imersos numa linguagem que não abarca o *em-si* cheio de significado que almejamos. O nosso consolo é, então, comunicar esse inalcançável como se, de fato, pudesse dizê-lo:

dizer o indizível? O silêncio é a linguagem de Deus. A linguagem do homem é difícil, retorcida, suja, atormentada. Tudo que se escreve é apenas uma paródia do que já está escrito e ninguém é capaz de escrever. Tudo que se vê é apenas uma projeção do que não se vê, sua verdadeira natureza e substância(SABINO,1981, p. 297).

Assim, almeja-se transcender o humano e alcançar o sublime absoluto do indescritível Silêncio autêntico, nem que para isso seja necessário desprender-se de tudo que envolva a *matéria* para atingir o espírito pleno, o além da linguagem, como poetizou Cecília Meireles (1973):

Quero uma solidão, quero um silêncio,  
uma noite de abismo e a alma inconsútil,  
para esquecer que vivo — libertar-me

das paredes, de tudo que aprisiona;  
atravessar demoras, vencer tempos  
pululantes de enredos e tropeços,

quebrar limites, extinguir murmúrios,  
deixar cair as frívolas colunas  
de alegorias vagamente erguidas.

Ser tua sombra, tua sombra, apenas,  
e estar vendo e sonhando à tua sombra  
a existência do amor ressuscitada.

Falar contigo pelo deserto.  
(p. 156)

Em outras palavras, o humano constitui-se como a tensão entre os dois Silêncios indizíveis, o autêntico e o inautêntico, razão pela qual eles se dispõem em polos diametralmente opostos. Mas e quanto àquele silêncio de “velas pandas”, como diria Fernando Pessoa, cheio de significado? Aquele que desconforta pela falta de fala dos interlocutores ou mesmo aquele que é sintonia, que conforta justamente porque não é mais necessário falar para se fazer entender?

### III

O que seria esse outro silêncio?! Ele é o nada, não o indizível e inatingível do qual já tratamos anteriormente, mas sim, um nada repleto de possibilidades... Esse silêncio é palavra em potencial que pode ou não concretizar-se; no entanto, ainda sim, estabelece significado, claro que de forma mais sutil até mesmo mais ambígua. Ao mesmo tempo em que ele se aproxima do Silêncio autêntico e inautêntico por ser o nada em potencial, ele se diferencia por, ainda sim, ser *dizível*, ao contrário dos outros dois. Ele é, na verdade, “uma irresolução que se mantém dentro da esfera da linguagem” (FELINTO, 2008, p. 189).

Seguindo esse raciocínio, o silêncio seria mais relevante até do que as próprias palavras, já que representa uma infinidade de possibilidades, pois quando se realiza em palavra, ele tem de negar *paradigmaticamente* todas as outras opções e assumir, assim, uma forma e um significado limitados, inserindo-se, então, no tempo e no espaço. Imersos que somos na ausência de som dos nossos pensamentos, os instantes de palavra chegam a banalizá-lo! Enquanto silêncio apenas, ele permanece eterno.

As palavras talvez vulgarizem até os seus próprios significados, sendo assim alvo de desconfiança, se considerarmos que elas são representações do que somos e do que percebemos, o que, claro, não pode ser expresso na sua totalidade e nem mesmo em verdade plena. Por não ser proferido, o silêncio estaria mais próximo da verdade. Pois “só o silêncio é sincero. O silêncio de uma pessoa

dormindo, por exemplo. Como é sincero alguém dormindo! Sincero como uma flor. Imagine se uma flor falasse, que ridículo não seria” (SABINO, 1981, p.197).

Esse silêncio do real é definido pelo filósofo Santiago Kovadloff (2003) como oclusivo, ou seja, ele é palavra encoberta ou rejeitada; uma enunciação que é possível, porém evitada por qualquer que seja a razão:

o silêncio crescia entre ambos como um balão vazio que se enchesse cada vez mais perigosamente de ar e estranhamente não poderia ser interrompido, cada palavra esboçada morria vaga diante de sua força (LISPECTOR, 1976, p. 111).

Segundo Holanda (1992, p. 48), diziam os gregos que o silêncio possui duas opções de interpretação, ele tanto pode ser uma recusa tácita, uma refutação, como pode significar uma adesão, um assentimento, a uma determinada proposição. Eles chamavam “isso antilogia: à existência de todo objeto se pode opor dois *logoi*”. Conclui-se, assim, que o desconforto que, por ventura, sentimos diante do silêncio num diálogo é ocasionado pelo fato de não sabermos qual das duas posições é a assumida pelo nosso interlocutor.

Contudo, na literatura, um único instante de silêncio pode equivaler a uma eternidade, perturbando o leitor ao formar um ambiente de expectativa e tensão a ser quebrada; servindo, portanto, como um recurso estilístico importantíssimo para a construção de sentidos no texto. Demandando mesmo uma interpretação por aquele que o lê. Muitas vezes, ele é imposto pela pontuação, como podemos observar no seguinte trecho da escritora Clarice Lispector (1990, p. 37):

Ele olhou-a severo:  
— Que você não saiba qual o maior homem da atualidade apesar de conhecer muitos deles, está bem. Mas que você não saiba o que você mesma sente, é que me desagrada.  
Olhou-o aflita:  
— Olhe, a coisa de que eu mais gosto no mundo...eu sinto aqui dentro, assim se abrindo...Quase, quase posso dizer o que é mas não posso...  
— Tente explicar, disse ele de sobrelhas franzidas.



— É como uma coisa que vai ser...É como...  
— É como?...— inclinou-se ele, exigindo sério.  
— É como uma vontade de respirar muito, mas também o  
medo...Não sei...Não sei, quase dói. É tudo...É tudo.  
—Tudo?...— estranhou o professor.  
Ela assentiu com a cabeça, emocionada, misteriosa, intensa:  
tudo...

Em suma, esse silêncio que questiona a capacidade das palavras de emitirem sentido não deixa de ter significado e nem de se configurar dialogicamente, mesmo que sem palavras, logo porque ele adentra o campo da linguagem não-verbal. Mas é ainda mais surpreendente se pensarmos que é essa “palavra estranha, *ambígua*, que, do interior mesmo da linguagem, anuncia a possibilidade de sua inexistência” (FELINTO, 2008, p. 75).

## CONSTANTE DIÁLOGO

Há tantos diálogos

Diálogo com o ser amado  
o semelhante  
o diferente  
o indiferente  
o oposto  
o adversário  
o surdo-mudo  
o possesso  
o irracional  
o vegetal  
o mineral  
o inominado

Diálogo consigo mesmo  
com a noite  
os astros  
os mortos  
as ideias  
o sonho  
o passado  
o mais que futuro

Escolhe teu diálogo  
e tua melhor palavra  
ou teu melhor silêncio  
Mesmo no silêncio e com o silêncio  
dialogamos.  
(ANDRADE, 1977, p. 79)

#### IV

A grande questão aqui é: onde esse silêncio oclusivo poderia ser inserido no gráfico proposto por Flusser? Concluo que, mesmo sendo em potência, ele ainda se insere no eixo da realidade, pois é possível dele extrair significado; ele é *diszível*, ao passo que os Silêncios de Flusser não o são... Dessa forma, o Silêncio seria Princípio, Meio e Fim, ou seja, nós viemos, somos e dirigimo-nos ao Nada! O silêncio, mais uma vez, como tudo e nada ao mesmo tempo, “expansão e contração do verbo” (FELINTO, 2008, p. 190).

*The rest is silence.*

#### REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond. *Discurso de primavera e algumas sombras*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

FELINTO, Erick. *Silêncio de Deus, silêncios dos homens: Babel e a sobrevivência do sagrado na literatura moderna*. Porto Alegre: Sulina, 2008.

FLUSSER, Vilém. *Língua e realidade*. São Paulo: Annablume, 2010.

\_\_\_\_\_. *O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

\_\_\_\_\_. *Da religiosidade: a literatura e o senso da realidade*. São Paulo, Escrituras, 2002.

HOLANDA, Lourival. *Sob o signo do silêncio*. São Paulo: Edusp, 1992.

KOVADLOFF, Santiago. *O silêncio primordial*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

LISPECTOR, Clarice. *Perto do coração selvagem*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

\_\_\_\_\_. *O lustre*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

\_\_\_\_\_. *Onde estivestes de noite?* Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1974.

MEIRELES, Cecília. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973.

SABINO, Fernando. *O Encontro marcado*. Rio de Janeiro: Record. 1981.